

Desde jovem, lembro-me de chamarem este período de férias assim (e que bom que eram 3 meses de férias, sem ter de esperar por notas para acesso à Universidade). Contudo, nestes últimos anos, parece que a silly season se espalhou pelos doze meses do ano e já nada espanta nem parece fora do costumeiro.

O primeiro-ministro austríaco anda a tomar uma qualquer substância estranha ao declarar: “Com o aumento da islamofobia, talvez tenhamos de pedir a todas as mulheres que usem um lenço na cabeça, em sinal de solidariedade com aquelas que o fazem por motivos religiosos”. Penso que, numa Europa maioritariamente cristã, deveria ser exatamente o contrário. O problema das burcas é complexo. Mas já foram proibidas: na Alemanha, na Áustria, na França, na Bélgica, nos Países Baixos, na Dinamarca e, agora, em Portugal, contra a vontade de alguns partidos, a quem sugiro que se comecem a vestir assim diariamente, a ver se gostam.

Os cristãos no médio oriente quase não conseguem sobreviver. Na Arábia Saudita, que financia a construção de mesquitas em todo o mundo, os cristãos não podem construir uma simples ermida. Certamente, em democracia, defendemos a convivência entre todas as religiões. Mas o inverso não acontece.



Os muçulmanos no Reino Unido apelam à PROIBIÇÃO de comer em público durante o dia, no período do RAMADÃO. Argumentam que ver as pessoas a comer aumenta a sua tentação e que o Islão deve ser respeitado. Compreendo perfeitamente este pedido.

Quando vem o Ramadão, tenho uma vontade extrema de começar a dieta, e a tentação de o fazer aumenta, mas não acabem com a comida; já estávamos aqui antes deles.

Andam todos chorosos há meses pela saída da Ryanair, mas há semanas... “Um passageiro sérvio que seguia num voo da Ryanair com origem na cidade grega de Salónica e que se deslocava para Memmingen, na Alemanha, foi quase sugado por uma janela do avião que se soltou durante a viagem.” Pensem duas vezes: com a SATA e a TAP, ainda nada disso aconteceu.

Estamos todos envelhecidos, o que representará menos gente a contribuir, mais gente a receber (pensões), menos gente capaz de trabalhar e a economia a retrair mais, com todos os serviços (da saúde ao ensino) a contraírem a sua dimensão. Os Açores registam um número de óbitos superior ao de nascimentos, tendência nacional agravada. São Miguel concentra mais de metade da população açoriana e, por isso, tem um peso determinante na evolução dos indicadores demográficos da região dispersa por nove ilhas. Os Açores, uma das regiões do país onde o envelhecimento demográfico e a perda de população têm maior impacto isso vai afetar e comprometer o seu futuro.